



Marina Aizenas Mann

**Governo Netanyahu e o conflito Israel x Hamas na mídia
brasileira: Uma análise comparativa entre Gazeta do Povo e
Revista Fórum**

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Orientador: prof. Felipe Gomberg

Rio de Janeiro,
Julho de 2025

SUMÁRIO

1. Introdução
2. Discussão
 - 2.1- A eleição de Netanyahu em 2022 e a cobertura da imprensa brasileira
 - 2.2 - Representação a partir do 7 de outubro e primeiras tentativas de cessar-fogo
 - 2.3 - Crise política e divisões internas em Israel em meio à guerra contra o Hamas
 - 2.4 - Netanyahu sob pressão um ano após o 7 de outubro
 - 2.5 - Acordo de cessar-fogo e tensões internas no governo Netanyahu
3. Conclusão
4. Referências bibliográficas e fontes jornalísticas

RESUMO

A pesquisa analisa como a mídia brasileira cobre o conflito Israel-Palestina, com foco na representação e no discurso do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. O estudo compara as narrativas construídas por dois veículos com linhas editoriais opostas, Gazeta do Povo e Revista Fórum, entre a eleição de Bibi em 2022 e o cessar-fogo em janeiro de 2025. A partir dessa observação, pode-se detectar a ênfase dada a determinados aspectos do conflito, bem como a omissão de outros. Essa é uma importante lacuna na veiculação das notícias. A metodologia utilizada é a Análise de Conteúdo, segundo Laurence Bardin, para compreender os enquadramentos adotados nas narrativas jornalísticas. A cobertura midiática, neste contexto, se transforma em uma arena de disputa simbólica, que é capaz de moldar a opinião pública.

Palavras-Chave: Israel; Benjamin Netanyahu; mídia; conflito; Brasil.

1. Introdução

Com o crescimento da extrema direita no mundo, o conservadorismo e negacionismo relacionados aos mais variados temas está cada vez mais presente e há retrocessos em direitos básicos que já haviam sido conquistados há muitos anos. Figuras como Benjamin Netanyahu têm ganhado mais importância e poder em diversos países do mundo, com mais cadeiras no parlamento ou mais deputados eleitos, por exemplo. Apesar da heterogeneidade da direita, há um denominador comum a esses líderes que tem como objetivo minar as instituições que sustentam a democracia. Promessas simplistas com soluções rápidas e extremistas têm encontrado um público mais receptivo. Um dos elementos-chaves que alimenta esse pensamento é a desconfiança nas instituições, em que os movimentos de extrema direita prometem uma mudança no sistema, propagando desinformação. Essa tendência de fortalecimento tem raízes nas mudanças globais e crises econômicas que afetaram os países europeus desde a crise financeira de 2008, que quase levou ao colapso de alguns deles.

Nos últimos anos, o conflito israelo-palestino foi intensamente transmitido e repercutido nos jornais mundo afora. A cobertura da guerra desperta sentimentos como catarse e trauma, vitória e derrota e gera curiosidade. Com a globalização, a competição e o papel dos “pequenos” meios de comunicação se tornaram fatos inescapáveis da vida no século 21 (Berenger, 2006; Blondheim & Liebes, 2009; Calhoun, 2004). Os recursos simbólicos passaram a desempenhar um papel cada vez mais importante nos conflitos políticos e militares e a maneira como os veículos de comunicação reportam ganha cada vez mais importância.

A mídia internacional se tornou uma importante arena de comunicação em tempos de guerra. A comunidade estrangeira tem assumido um papel como a terceira parte nos conflitos, portanto a informação fornecida e as narrativas que constrói podem ter consequências na opinião pública e nas ações em campo. Apesar disso, as mensagens que os órgãos governamentais querem que a mídia transmita, não são as que necessariamente chegam ao público (Molotch e Lester, 1974).

Nesse contexto, a mídia se torna um campo de batalha crucial, que pode influenciar as percepções globais e a opinião pública. Em meio ao conflito, a narrativa usada é uma ferramenta essencial. Os lados envolvidos buscam legitimidade e apoio internacional, mas são interpretados de formas diferentes dependendo do país e veículo. Há uma relação complexa e interdependente entre os meios de comunicação e a atual situação de Israel.

Os materiais noticiosos acabam se tornando elementos ativos na construção e interpretação do confronto, assim como na sua perpetuação, à medida que os fatos influenciam a visão dos leitores (Menahem e Shifman, 2009).

Cada veículo apresenta um recorte diverso de uma mesma história, e isso faz parte da agenda e do editorial de um jornal. Com isso, é possível identificar características específicas de cada cobertura e organizar os códigos apresentados. A partir dessa observação, pode-se detectar a ênfase dada a determinados aspectos do conflito, bem como a omissão de outros. Essa é uma importante lacuna na veiculação das notícias. Por apresentarem perspectivas distintas, é difícil algum veículo mostrar os dois lados da história, ou pelo menos, tentar explicar de forma mais neutra, o que faz com que os leitores tenham uma visão unilateral do assunto e que vieses relevantes não cheguem até eles. Há a tentativa de superar os veículos “rivais” com narrativas e cenas que apelem para uma determinada posição que se considera a mais correta, ainda mais em um mundo com espaço de atenção reduzido.

Para iniciar a análise sobre como os veículos de comunicação retratam o primeiro-ministro israelense, é fundamental contextualizar o percurso político de Benjamin Netanyahu. Também conhecido pelo apelido Bibi, é o atual chefe de governo de Israel e a figura que mais permaneceu à frente do comando do país na história. Foi reeleito pela quarta vez em 2022 e anteriormente ocupou o cargo de 1996 a 1999 e de 2009 a 2021. Netanyahu é membro da Knesset (Parlamento Israelense)¹ e líder do partido Likud², desde 1993.

Após inúmeras tentativas frustradas de formar diferentes coalizões³ que tirassem Netanyahu do poder, ele retornou ao cargo, em 2022, pelo partido Likud, junto com líderes religiosos e ultraconservadores. Essa configuração de governo se mostrou complicada e desagradou parte significativa da população israelense. Dentro da própria coalizão houveram discordâncias, o que dificultou diversas tomadas de decisão e ações futuras. Esses parceiros buscaram uma ampla reforma judicial, que foi recebida com reações e protestos por todo o país, durante nove meses, em 2023. Com o ataque de 7 de outubro e a falha do governo em

¹ A Knesset é a assembleia legislativa unicameral (o parlamento) de Israel. Constitui o poder legislativo do Estado. A sua sede atual está em Jerusalém. A Knesset tem 120 membros. Como Israel tem um sistema parlamentarista, cabe à Knesset eleger o governo e o presidente.

² O Partido Likud ("A Consolidação", em hebraico) é um partido político de direita em Israel, fundado pelo líder revolucionário Menachem Begin e foi o primeiro partido de direita a liderar o governo israelense. Atualmente, é liderado pelo primeiro-ministro Benjamin Netanyahu.

³ Uma coalizão é um pacto ou aliança entre dois ou mais partidos políticos para formar um governo. Isso ocorre frequentemente quando nenhum partido consegue uma maioria absoluta no parlamento.

antecipar a ação, Netanyahu foi fortemente criticado pelos opositores, que novamente se juntaram em protestos pedindo a remoção do cargo. Enquanto a guerra está em curso, Bibi e seu governo encontram caminhos para permanecer no poder.

O tipo ideológico, político e social das entidades envolvidas em um conflito determinam a estratégia que será adotada na formulação das mensagens (Wolfsfeld, 1997). E na mídia brasileira isso não é diferente. Apesar de muitos veículos utilizarem denominadores comuns quando se trata de Israel, alguns se destacam pelo posicionamento escolhido e seleção de palavras em suas manchetes e textos. É o caso da Gazeta do Povo e da Revista Fórum. Esses veículos apresentam visões diferentes sobre a guerra e sobre o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. A Gazeta do Povo expõe uma visão a favor de Israel e de Netanyahu, adotando uma posição mais à direita, e quase não mencionando o outro lado do conflito. Em contrapartida, a Revista Fórum apresenta uma posição oposta, mais à esquerda, destacando o sofrimento que Israel causa aos palestinos e não poupando palavras contra o primeiro-ministro.

Esse estudo pretende analisar como essas mídias brasileiras informam sobre Israel e sobre o primeiro-ministro e o que falta na cobertura, através da comparação de diferentes notícias encontradas nos dois veículos, em uma linha do tempo a partir da eleição do Bibi, em 2022, até a liberação das reféns, após o acordo de cessar fogo em janeiro de 2025. O assunto será abordado do ponto de vista jornalístico, com olhar atento aos termos utilizados e a forma como as narrativas são abordadas. A metodologia utilizada é a análise de conteúdo, que permite explorar o agendamento e enquadramento das notícias.

Creswell (2007) destaca que o principal objetivo de uma pesquisa qualitativa é interpretar o contexto no qual o fenômeno estudado está inserido, e entender a relação previamente estabelecida entre o sujeito e o fenômeno. Em 1977, Laurence Bardin, professora-assistente de Psicologia na Universidade de Paris V, sistematizou a Análise de Conteúdo, compreendeu que sua aplicabilidade deveria ser ampliada e apresentou sua utilização na perspectiva qualitativa.

Para Bardin, a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens (BARDIN, 2016, p. 48).

A autora ressalta que, atualmente, a Análise de Conteúdo é vista como um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. (BARDIN, 2016, p. 15).

Para Bardin, a Análise de Conteúdo apresenta três fases: a pré- análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados e interpretação. Na primeira fase, deve-se realizar a leitura “flutuante”, para elaborar os objetivos e hipóteses com o intuito de selecionar documentos e estruturar marcadores que irão embasar a análise final. As hipóteses são justificativas antecipadas sobre o fenômeno que está sendo observado, podendo ser validadas ou rejeitadas ao final. Portanto, para que os conteúdos sejam sistematizados de forma eficiente, faz-se extremamente necessário consumir todo o assunto, não deixando nenhum elemento suprimido.

A segunda etapa consiste em atribuir códigos, realizar desmembramentos ou enumerações, através de unidades selecionadas e categorias definidas. Ocorrem, ao final da exploração do material, a catalogação em unidades de registro. Cada unidade de registro pode ser uma palavra, um tema, um acontecimento ou um personagem (BARDIN, 2016).

A terceira fase consiste em organizar os resultados, revelando a essência da análise. Nesse sentido, o analista deve partir dos pressupostos iniciais para realizar inferências e interpretações, ao passo que a pesquisa se desdobra e possibilita o surgimento de descobertas inesperadas (BARDIN, 2016).

Através dessa análise, é possível selecionar e interpretar as diferentes perspectivas sobre um mesmo tema. Com isso, a escolha das matérias a serem estudadas se deu a partir da triagem das datas mais importantes para um bom entendimento do assunto proposto. Além disso, os fatos presentes nas matérias, em sua maioria, podem ser encontrados tanto na Gazeta do Povo, quanto na Revista Fórum, cada um com o seu viés, mas compartilhando pontos em comum que permitem a comparação.

2. Discussão:

A Knesset é o órgão legislativo e a casa dos representantes de Israel. Suas principais funções incluem: promulgar ou emendar uma constituição ou Leis Básicas; promulgar legislação ordinária; e supervisionar o poder executivo (o governo). O país não possui constituição escrita, portanto, a divisão dos poderes se torna uma disputa política pelo controle, como na recente tensão entre a Suprema Corte (judiciário) e a Knesset (legislativo). As eleições israelenses são realizadas a cada quatro anos, a não ser que as circunstâncias exijam antecipação. Os eleitores votam em um partido e não em um candidato específico, o líder do partido que obtiver mais votos é considerado o primeiro-ministro e tem a tarefa de formar um governo, em até 28 dias. O número e a ordem dos membros que entram para cada partido correspondem à sua lista de candidatos apresentada para a eleição.

A votação reflete a forte tradição democrática do Estado. Israelenses de todos os grupos étnicos e crenças religiosas, incluindo árabes israelenses, participam ativamente do processo. Um governo precisa ter uma coalizão de apoio de pelo menos 61 dos 120 membros do Knesset. Até o momento, nenhum partido conquistou assentos suficientes para formar um governo por si só, todos os governos israelenses têm se baseado em coalizões de vários partidos. O atual primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, desempenhou um papel fundamental na mudança do país para uma visão nacionalista mais de direita, tendo como objetivo principal manter Israel em segurança, desde que chegou ao poder.

2.1- A eleição de Netanyahu em 2022 e a cobertura da imprensa brasileira

A eleição de Netanyahu em 2022 é um ponto chave para começar a analisar o tratamento da mídia brasileira sobre o contexto israelense, porque marca a retomada de um governo com alianças polêmicas e grande repercussão global. É essencial olhar não apenas para o conteúdo publicado, mas também para a frequência e o momento em que essas publicações ocorrem. Isso deixa claro os posicionamentos editoriais e interesses de cada veículo.

Um aspecto relevante a ser observado é a mudança de narrativa da Revista Fórum em relação a Israel antes e depois dos ataques de 7 de outubro. Até 2022, o veículo quase não apresentava matérias sobre o país, fato que mudou de forma expressiva quando passaram a ter matérias quase diárias. A Gazeta do Povo postava análises pontuais sobre Israel, com uma frequência maior que a Fórum, sobre assuntos relacionados às eleições de Netanyahu, aos Estados Unidos e Trump, ao Bolsonaro e a política externa relacionada a outros países, como o Irã. Apesar disso, o tom utilizado nas matérias não sofreu grandes alterações.

Em relação a eleição de Bibi, a Revista Fórum não apresentou nenhuma reportagem em específico, a única cobertura do período eleitoral feita foi durante as tentativas de coalizão, em junho de 2022. O conteúdo publicado em 30 de junho, intitulado “Israel dissolve parlamento e convoca novas eleições; Netanyahu é favorito”, apresenta um título factual e moderado, diferente de outros que serão mostrados mais adiante. A matéria apresenta o contexto das eleições, em que os legisladores aprovaram uma moção de dissolução do parlamento e a convocação de novas eleições para novembro do mesmo ano. Em teoria, a frente ampla teria conseguido dar fim aos 12 anos de poder de Benjamin Netanyahu, que até então não tinha conseguido formar maioria parlamentar.

O texto segue sem ataques a nenhum dos lados e em tom neutro. A Revista Fórum também apresentou uma parte do discurso de Bibi, que afirmou: "A experiência da coalizão fracassou. Isto é o que acontece quando se reúne uma falsa direita com a esquerda radical, tudo isso misturado com a Irmandade Muçulmana. Teremos outro governo Lapid que será um fracasso ou um governo de direita liderado por nós? Nós somos a única alternativa! Um governo forte, nacionalista e responsável". Em contraponto, a matéria também dá espaço à fala de Yair Lapid, que se tornaria primeiro-ministro interino: “É preciso impedir que as sombras voltem a governar. O que precisamos agora é voltar ao conceito de unidade israelense e não deixar que as forças da sombra nos dividam". As declarações foram expostas pelo veículo de maneira equilibrada, sem que exaltasse nenhum dos lados.

Já a Gazeta do Povo publicou, em novembro de 2023, uma matéria sobre o retorno de Bibi ao poder, com o título “Netanyahu recebe mandato oficialmente e terá 28 dias para formar governo”. O texto é sucinto, com as principais informações dessa nova formação de governo e destaca duas falas do atual primeiro-ministro. A primeira foi durante cerimônia na residência presidencial em Jerusalém: "Faremos tudo para que, com a ajuda de Deus, seja um governo estável e bem-sucedido, um governo responsável e dedicado, que trabalhe em benefício de todos os habitantes do país, sem exceção". E a segunda, em referência ao contexto de grande polarização após a vitória de seu bloco nas eleições: "Pretendemos trabalhar juntos para aumentar o espaço de acordo. Mesmo que haja divergências de opinião entre partes da sociedade sobre questões fundamentais, há questões mais do que suficientes em torno das quais a grande maioria pode se unir e concordar. Somos irmãos, estamos destinados a viver lado a lado".

2.2 - Representação a partir do 7 de outubro e primeiras tentativas de um cessar-fogo

Outro ponto de virada quando se trata da representação de Israel na mídia foi o 7 de outubro de 2023, que teve grande repercussão internacional. Inicialmente a cobertura focou na apuração dos fatos, porque as informações ainda estavam chegando aos poucos. Porém, com o desenrolar do conflito, como será possível ver mais adiante, os veículos tomaram maior posição, o que se refletiu na escolha do vocabulário e em que informações foram privilegiadas.

Naquele dia, a matéria feita pela Gazeta, com o título “Em novo discurso, Netanyahu garante que usará “toda força” contra o Hamas”, comenta sobre as ações que seriam tomadas nos próximos dias pelo governo de Israel, não citando nenhuma fala do grupo terrorista Hamas. A própria expressão “grupo terrorista” é importante ser destacada, porque faz parte do editorial do veículo chamá-los assim. As palavras comunicam, portanto é importante utilizar de maneira coerente com o pensamento do meio de comunicação, para que os leitores tenham a interpretação desejada.

No discurso citado, Bibi também comenta sobre as duras medidas que tomará contra o Hamas, caso a organização mexa em “um fio de cabelo” dos reféns israelenses. Ele também prometeu um ataque organizado a todos os locais onde “os extremistas se escondem e operam”. A Gazeta afirma que foram “fortes declarações” do primeiro-ministro, mas justifica em seguida dizendo que foram feitas após um ataque com 5 mil foguetes, que matou cerca de 250 pessoas em Israel, novamente não mencionando a perspectiva palestina. Como no título, a cobertura enfatiza a resposta militar israelense e aponta que o país “cobrará vingança por este dia obscuro”.

Em contrapartida, a Revista Fórum, em matéria publicada no mesmo dia, se refere ao Hamas como “movimento islâmico-palestino” ou “grupo político islâmico-palestino”, o que indica uma escolha editorial na forma de caracterizar o grupo. A notícia, intitulada “Hamas declara guerra a Israel com forte ataque a partir de Gaza; Netanyahu responde”, começa falando da perspectiva do Hamas sobre os acontecimentos.

Já no subtítulo, há a utilização da palavra “operação”, se referindo ao ocorrido, que também poderia ser descrito com outras palavras, como “ofensiva” ou “massacre”, a depender do posicionamento adotado, e afirma que esta conta com avanço de homens armados no sul do país, com bombardeio de ao menos 5 mil mísseis. A matéria inclui uma declaração de Muhammad Al-Deif, comandante militar do movimento armado, que convocou um “levante geral” contra o Estado de Israel e declarou que “é a hora de usar armas”. Há ainda a explicação de que a operação foi chamada de “Tempestade Al-Aqsa”, em referência a

mesquita em que o acesso foi bloqueado por Israel, e que seria uma “reação dos palestinos à opressão a que são submetidos pelos israelenses há décadas em meio à subtração de seu território”. Além disso, a Revista apresenta na íntegra o comunicado divulgado pelo “Movimento de Resistência Islâmica - Hamas”, em relação ao fim da ocupação do território, retomada das terras ocupadas ilegalmente por Israel e a liberação dos presos políticos palestinos.

Ao falar da manifestação israelense ao ocorrido, o veículo apresenta uma pequena sessão, com uma afirmação de Netanyahu: “Estamos em guerra” e que o Hamas “pagará um preço que nunca viu antes”. A ausência de maior destaque às falas do primeiro-ministro pode estar relacionada à imagem que ele representa para o veículo, que escolhe não enfatizar o discurso. Ainda assim, a matéria expõe o número de mortos em ambos os lados do conflito.

Com relação à primeira tentativa de um cessar-fogo, em outubro de 2023, a Revista Fórum apresentou duas matérias diferentes sobre o assunto, em que novos temas começam a ser introduzidos no debate. Diferente da cobertura anterior que abrangia os dois lados, essa tem um foco majoritário no discurso e nas respostas militares israelenses.

No dia 16, a reportagem intitulada “Vídeo mostra entrada de ajuda humanitária a Gaza; Israel nega cessar-fogo” relata a chegada de quatro caminhões e um carro com bandeiras das Organizações das Nações Unidas (ONU), na passagem de Rafah, na fronteira de Gaza com o Egito, para levar assistência “aos palestinos que vivem sob ataque das forças israelenses”. Diversas fontes importantes são citadas, como o embaixador do Brasil na Palestina, Alessandro Candeas, que afirmou que ainda não havia notícias de que a comitiva brasileira tinha conseguido deixar Gaza.

As fontes militares israelenses, segundo o veículo, informaram que o cessar-fogo demoraria cinco horas, até que fosse realizada a entrada de ajuda e saída de estrangeiros da região. Mas, apesar disso, afirmam que o “governo sionista de Israel” divulgou um texto na rede social X negando que houvesse uma trégua na região de Rafah, saída possível por terra.

Outras duas autoridades citadas foram o chefe de gabinete de comunicação do Hamas, Salama Marouf, e o chanceler egípcio, Sameh Shoukry. O primeiro afirmou não ter recebido informações do Egito sobre o plano de abrir a fronteira. Já Shoukry informou que o governo de Israel não teria tomado posição, desde o início da guerra, para que a fronteira de Gaza fosse reaberta. Ele comenta que “o Egito desde o começo se propôs a ajudar para manter as fronteiras da região de Rafah funcionando.” A matéria não fala do Hamas de forma direta.

No dia 30 de outubro, a matéria com o título “Israel: Netanyahu enterra qualquer esperança de um cessar-fogo” fala sobre uma declaração que o ex-parlamentar, Moshe Feiglin, aliado do primeiro-ministro, deu a jornalistas em que afirma que não irá assinar nenhum acordo de reconciliação e utiliza a conduta dos EUA para justificar: “Assim como os EUA não concordariam com um cessar-fogo após o Pearl Harbor ou o 11 de setembro, Israel não está disposto a um cessar-fogo”. A fala se refere ao ataque japonês ao porto de Pearl Harbour, no Havaí, e ao atentado de 11 de setembro. Moshe era do partido Zehut, de direita, ultraliberal, ultranacionalista e um grande articulador da volta de Netanyahu ao poder nas últimas eleições.

A reportagem também comenta que Netanyahu se apegue à definição do Hamas como uma organização terrorista para embasar seu discurso. Além disso, enfatizam a fala em que reafirma a narrativa israelense de que o Hamas usaria civis de Gaza como escudo e culpou a comunidade internacional por condenar os bombardeios em Israel, que, de acordo com ele, estariam somente evitando alvos civis.

A Revista Fórum segue contrapondo o discurso de Bibi e dizendo que a realidade vista nos noticiários era diferente. Estes mostravam imagens de famílias inteiras mortas, cidades reduzidas a escombros e cerca de 8 mil vítimas, enquanto Israel contabilizava 1,4 mil. Apesar disso, a fala de Netanyahu é aceita por uma série de interlocutores no país, como Feiglin, já citado anteriormente, que diz “Não me lembro de que Biden ou seus antecessores tenham providenciado corredores humanitários seguros para os residentes de Hiroshima e Nagasaki. Ao contrário, eles olharam para as cidades mais fracas e jogaram as bombas lá para deixar claro que estavam falando a sério”, retificando que Israel não teria qualquer obrigação em resguardar os corredores humanitários e a vida dos civis de Gaza.

A Gazeta do Povo publicou no mesmo dia uma matéria sobre o mesmo assunto, mas com destaques diferentes. A reportagem intitulada “Netanyahu nega cessar-fogo em Gaza: “Os EUA não concordariam após Pearl Harbor” também apresenta a frase dita à imprensa pelo primeiro ministro comparando o que acontecia em Israel e a negativa a um cessar-fogo aos ataques terroristas nos Estados Unidos. No entanto, o foco da frase foi diferente, é destacado que não cessarão com a hostilidade contra o Hamas após os horríveis ataques de 7 de outubro. Antes das declarações do premiê à mídia, o gabinete havia divulgado uma mensagem condenando o vídeo feito pelo Hamas, mostrando três reféns mulheres em Gaza, como uma forma de “propaganda psicológica cruel”.

Além disso, apresentam outra fala de Netanyahu, distinta da Revista Fórum, mostrando o enfoque que desejam dar ao assunto: “Os apelos por um cessar-fogo são um apelo a Israel para que se renda ao Hamas, que se renda ao terrorismo, que se renda à barbárie. Isso não vai acontecer. A Bíblia diz que há um momento para a paz e um momento para a guerra. Este é um momento de guerra”.

A matéria também ressalta a recomendação feita pela Assembleia Geral da ONU para uma trégua humanitária em Gaza, fato que não é mencionado pela Fórum, que utiliza termos como “comunidade internacional” para se referir a outros países envolvidos. A Rússia, EUA e Brasil também haviam reivindicado um cessar-fogo, mas não tiveram votos suficientes ou foram vetados pelo Conselho de Segurança (CS) da ONU, que tem um poder maior que a Assembleia Geral. O CS teria feito uma reunião de emergência, a pedido dos Emirados Árabes Unidos, para propor uma resolução de “pausa humanitária imediata”.

Ainda nesse mesmo eixo temático, no dia 26 de outubro, a Revista Fórum apresenta um anúncio de Bibi transmitido na rede de televisão israelense. A matéria com título “VÍDEO: Na TV, Netanyahu confessa os reais motivos de Israel em Gaza”, trata sobre uma declaração do primeiro-ministro que deixaria claro que o objetivo de Israel seria “transformar em ruínas toda a faixa de Gaza, exterminar o Hamas e quem não se retirar da área e quem for considerado membro do Hamas será eliminado”. Também é ressaltado que os próximos passos seriam toda a faixa de Gaza ser ocupada pelas forças de Israel e seus colonos que ficariam com as terras e ditariam as ordens. “Quando entrarmos em Gaza, não haverá nada que nos detenha. Nós temos só uma coisa para o Hamas, que é o fogo. Pedimos que a população não envolvida em Gaza saia”, diz Netanyahu. A Gazeta não apresenta nenhum material que destaque esse discurso.

No dia 22 de novembro de 2023, houve o primeiro acordo de cessar-fogo. A Revista Fórum publicou com o título “Acordo Hamas-Israel: entenda cada ponto da trégua acordada em Gaza”, uma matéria sobre os próximos passos do conflito, como a troca de reféns, a suspensão de vigilância e a interrupção de bombardeios. Em seguida, fala sobre a dificuldade das Forças de Defesa de Israel ⁴(FDI) em localizar o ‘quartel-general’ do Hamas e o local onde estariam os mais de 200 reféns “tomados pelas forças de resistência palestina”, mesmo após diversas semanas de ataques aéreos e por solo.

⁴ As Forças de Defesa de Israel, conhecidas comumente no país pelo acrônimo hebraico *Tzahal*, são as forças armadas de Israel, que englobam suas forças terrestres, bem como a sua Marinha e Força Aérea, e foram formadas durante a Independência do país.

Uma suposta negociação teria sido costurada pelo governo do Catar entre oficiais do Hamas e autoridades do governo israelense. O gabinete de Netanyahu confirmou a negociação em comunicado: “O governo israelense está empenhado em trazer todos os sequestrados para casa. Esta noite, o governo aprovou o esboço da primeira fase para atingir este objetivo, segundo o qual pelo menos 50 sequestrados – mulheres e crianças – serão libertados durante um período de quatro dias, durante os quais haverá uma pausa nos combates”.

A Revista Fórum mostra os pontos desse novo acordo, que inclui um cessar-fogo de quatro dias entre a “Resistência Palestina - que inclui o Hamas, a Jihad e outros grupos - e Israel”; a troca de 150 mulheres e crianças - que não sejam acusadas de homicídio - presas por Israel, por 50 mulheres e crianças sequestradas pelo Hamas. É possível ver a discrepância do acordo através dos números de reféns e presos de cada lado.

Apesar da resolução, a matéria afirma que o cessar-fogo não será permanente. “Por isso quero esclarecer: estamos em guerra, continuaremos em guerra, continuaremos em guerra até atingirmos todos os nossos objetivos. Destruiremos o Hamas, devolveremos todos os nossos sequestrados e desaparecidos e garantiremos que em Gaza não haverá qualquer partido que represente uma ameaça para Israel”.

Em reportagem publicada também no dia 22 de novembro, a Gazeta do Povo, com o título “Israel aprova acordo de trégua com o Hamas para libertar reféns em Gaza” informa que o governo de Israel aprovou um acordo com o “grupo terrorista Hamas” para libertar cerca de 50 reféns israelenses em troca de uma “trégua humanitária” e da liberação de centenas prisioneiros palestinos. Já nessa primeira parte, é possível perceber o tom editorial adotado e o foco maior nos reféns israelenses. A matéria segue com as medidas que serão adotadas por Israel durante a pausa e os objetivos de Bibi. O acordo, que prevê a participação da Cruz Vermelha e a entrada de ajuda humanitária em Gaza, foi considerado “difícil e doloroso” pelo primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, mas também “o certo” para garantir o retorno de alguns dos cerca de 239 reféns que estão sob o controle dos terroristas palestinos do Hamas desde os ataques do dia 7 de outubro. Esta foi considerada a “primeira fase de um plano para trazer todos os reféns para casa”, e que a cada dez reféns adicionais libertados, Israel concederá um dia extra de trégua.

Um fato não mencionado pela Revista Fórum, foi o de que Israel se comprometeu a não sobrevoar a Faixa de Gaza durante seis horas por dia, para permitir que o Hamas localize os reféns que estariam sob posse de outros grupos terroristas e a entrada de caminhões com alimentos, combustível e ajuda médica. A primeira etapa será a entrega dos reféns israelenses à Cruz Vermelha, que vai transferir para a FDI. Depois, eles se encontrarão com

as famílias e serão submetidos a exames médicos. Também será feito um interrogatório para obter informações sobre outros grupos que atuam em Gaza, como está a condição do cativo e a localização dos demais reféns. Apesar de tudo, Netanyahu advertiu que “A guerra contra o Hamas em Gaza continuará após a paralisação até que todos os objetivos de Israel sejam alcançados, entre eles o de eliminar o grupo terrorista que governa o enclave palestino, garantir a libertação de todos os reféns e garantir que não haja mais ameaças de Gaza à segurança de Israel”.

2.3 - Crise política e divisões internas em Israel em meio à guerra contra o Hamas

No dia 29 de fevereiro de 2024, a Gazeta do Povo, em matéria intitulada “Netanyahu diz que convocar eleições em Israel agora significaria perder a guerra”, fala sobre o premiê querer pedir um consenso no espectro político e parlamentar e no governo de coalizão, com o objetivo de não perderem para o Hamas. Uma das exigências extremas e que poderiam levar a convocação de novas eleições por divisão dentro do próprio governo, segundo Netanyahu, é a isenção militar para os judeus ultraortodoxos em meio à guerra. Apesar disso, essa medida não seria levada a frente porque os partidos Haredi (ultraortodoxos), que são fundamentais para a sobrevivência do governo, não estariam dispostos a ceder.

Os israelenses ultraortodoxos mantiveram por décadas isenção do serviço militar obrigatório, caso se dedicassem a estudos religiosos, com base em uma cláusula executiva. Porém, em meio a guerra, grupos civis e reservistas entraram com um recurso na Suprema Corte para anular a exceção. Bibi diz: “Uma eleição geral significaria disputas e emoções à flor da pele. Isso não pode acontecer em um período de guerra e certamente não quando estamos tão perto da vitória. Isso significaria nossa derrota e é exatamente com isso que [o líder do Hamas em Gaza] Yahya Sinwar sonha”. Apesar da insistência do primeiro-ministro em afirmar que tropas israelenses continuariam a ofensiva terrestre até Rafah, ele garantiu que os 1,4 milhão de habitantes civis de Gaza que vivem na região seriam retirados. Bibi enfatizou que não cederia às “exigências insanas” do Hamas e que ainda estaria aguardando a lista dos reféns a serem libertados.

A Revista Fórum, em matéria publicada no mesmo dia, divulgou uma reportagem com o título “Só a guerra mantém Netanyahu no poder; por isso ele não permite a paz”. O veículo apresenta informações diferentes da Gazeta e com enfoque maior no povo palestino e afirma que, apesar das soluções trazidas a Netanyahu para um cessar-fogo imediato, a resposta será a mesma e definitiva: “paz apenas com a libertação de todos os reféns e a autodissolução do Hamas — que ele sabe ser impossível”. Até então, haviam sido 115 dias de bombardeio que provocou o deslocamento de quase dois milhões de palestinos e a destruição de propriedades. Só 1/3 da força do Hamas tinha sido neutralizada.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Democracia de Israel mostrou que somente 15% dos israelenses apoiam a permanência de Netanyahu no poder com o fim da guerra. Novas eleições estariam marcadas para outubro de 2026, mas poderiam ser antecipadas devido a impopularidade do primeiro-ministro. Em uma nova votação, o partido Likud ganharia 16 cadeiras, segundo projeções. Benny Gantz, um opositor e ex-ministro da defesa que se juntou ao gabinete de guerra de Bibi em 2023, seria o favorito. A mesma pesquisa apontou

que 53% da população acredita que o governante luta por interesses pessoais, para se salvar do julgamento de crimes.

A postura belicista e inflexível de Netanyahu não é compartilhada por todos os israelenses. Dois reféns resgatados na operação em Rafah pediram para que as negociações fossem retomadas e afirmam: "Não é possível resgatar os 134 reféns restantes por meio de operações heróicas. Apenas por meio de um acordo todos podem ser trazidos para casa". O veículo destaca que a única alternativa que ele tem é vencer de forma consagrada e diz "Fica evidente que a única chance de paz é a destituição de Netanyahu. Com ele no poder segue a guerra de extermínio".

No dia 31 de março, a Gazeta publicou uma matéria intitulada "Manifestações contra governo Netanyahu crescem em Israel", que também fala sobre os protestos nas ruas, a exigência da libertação de todos os reféns pelo "grupo terrorista Hamas" e a destituição do primeiro-ministro. As agências internacionais informaram que essa manifestação teria sido a maior desde outubro de 2023. Os protestos aumentam à medida que a guerra avança e a raiva contra Netanyahu cresce.

2.4 - Netanyahu sob pressão um ano após o 7 de outubro

No dia 7 de outubro de 2024, a Revista Fórum publicou um artigo de opinião que destaca, mais uma vez, a linha editorial do veículo. Com o título “Um ano do ‘7 de outubro’: entre o acontecimento histórico e o evento midiático”, o texto fala sobre como a data foi transformada em um épico, com israelenses chamados de “vítimas” e os palestinos em “algozes”, com um posicionamento que estaria invertendo e ocultando as décadas de ocupação colonial de Israel. A Revista segue falando que há um ano “militantes de grupos palestinos, liderados pelo Hamas, romperam o bloqueio imposto por Israel à Faixa de Gaza há quase duas décadas e adentraram a porção sul do território israelense, realizando um ataque sem precedentes”.

A ação tinha três objetivos: reafirmar o direito do povo palestino a uma pátria; libertar os mais de 10 mil palestinos mantidos prisioneiros pelo regime israelense e segundo o Hamas, sem qualquer acusação de crimes; e recuperar a santidade da Mesquita Al Aqsa, em Jerusalém, que é o terceiro lugar mais sagrados do Islã e estaria sendo “repetidamente profanado pelas forças de segurança sionistas”. A contraofensiva liderada pelo Hamas teria sido uma resposta aos anos de humilhações impostas pelo sionismo, intensificando o genocídio do povo palestino, em escala só comparável ao contexto da Nakba, segundo o artigo.

Com isso, aconteceu o que foi chamado de “evento midiático”, que é norteado pela lógica do espetáculo, em que a forma substitui o conteúdo e a complexidade do contexto cede lugar para a ideologia nos noticiários internacionais. “A construção do evento midiático tem início na escolha das fontes, as principais agências internacionais de notícias (ligadas, sem exceção, às agendas externas das potências imperialistas e sua ponta de lança no Oriente Médio, o Estado de Israel)”. De acordo com o veículo, o direito ao contraditório só existe nos manuais de redação e não há reportagens sobre o que realmente ocorre em Gaza, mas propaganda de guerra sionista. Nota-se o uso repetido da palavra “sionista”.

Como o tempo dos noticiários é limitado, estes recorrem a “atalhos cognitivos”, que são recursos linguísticos que tornam a realidade geopolítica inteligível para o cidadão comum, com uso de metonímias e metáforas. Como por exemplo, quando se noticia que “a comunidade internacional condena as ações do Hamas”, os posicionamentos das potências imperialistas, com ênfase nos EUA, são apresentados como se fossem universais, mas outros países, como China e Rússia não condenam a resistência palestina à ocupação israelense. Há também o “jornalismo de adjetivação” que rotula o Hamas como “grupo terrorista” e Israel como a “única democracia do Oriente Médio”, atribuindo juízos de valor como se fossem informações. Mas, diferente de outras épocas em que os poderosos grupos de comunicação globais possuíam o monopólio das notícias da geopolítica mundial, a imprensa alternativa,

como a Revista Fórum, ganha espaço podendo disputar a narrativa sobre a geopolítica palestina.

A Gazeta do Povo, em matéria publicada no mesmo dia, também apresentou dois artigos de opinião. O primeiro em tom mais alinhado com o jornal, com o título “ Hamas diz que massacre de 7 de outubro foi ‘a operação mais profissional da história’ ”, fala sobre o fato do porta-voz do braço armado do Hamas, Abu Obaida, ter elogiado o ataque do grupo terrorista ao território israelense que deu início a guerra, e disse que Israel “vive marginalizado”. Ele defendeu a ação como algo “preventivo” para evitar um suposto ataque contra facções palestinas na Faixa de Gaza. Obaida também afirmou: “Pedimos o lançamento da maior campanha árabe, islâmica e internacional em apoio ao povo palestino. Pedimos o maior ataque cibernético ao inimigo por especialistas em guerra eletrônica”. Ele não poupou críticas a Israel e descreveu como um regime “brutal, assassino e criminoso”.

O segundo artigo, apresenta uma perspectiva mais cautelosa em relação aos desdobramentos do conflito. Intitulada “Um ano de guerra no Oriente Médio: o impacto global da escalada”, a matéria fala sobre como as forças armadas do país lutam contra as forças do autoproclamado “Eixo da Resistência”: Hamas, na Faixa de Gaza, Hezbollah, no Líbano, Houthis, no Iêmen, e milícias xiitas na Cisjordânia, Síria e Iraque. O artigo segue contando sobre como o sofrimento resultante desse ano de guerra é grande, com milhões de pessoas obrigadas a deixarem suas casas tanto em Israel, como na Faixa de Gaza e no Líbano. Quase $\frac{2}{3}$ dos prédios da Faixa de Gaza foram parcial ou totalmente destruídos pelos bombardeios israelenses. O autor acredita que a situação está destinada a piorar antes de melhorar. A comunidade internacional permanece paralisada e além das intensificações regionais, o segundo ano do conflito poderia acentuar os impactos globais de migração forçada e uma possível crise energética.

A matéria publicada no dia 5 de novembro pela Gazeta, em relação à demissão do ministro da Defesa, não foi encontrada na Revista Fórum, é um assunto que ficou de fora da linha editorial. Com o título “Netanyahu cita ‘quebra de confiança’ e demite ministro da Defesa”, o veículo fala sobre a tomada de decisão, em meio à ofensiva israelense contra o Hamas e Hezbollah, a troca de ataques diretos com o Irã, além de um escândalo de vazamento de informações confidenciais do gabinete de Bibi. De acordo com o Times of Israel, o ministro da Defesa, Yoav Gallant, será substituído pelo ministro das Relações Exteriores, Israel Katz. Apesar de agradecer pelo trabalho de Gallant, Netanyahu alegou: “Fiz muitas tentativas de preencher essas lacunas, mas elas continuaram aumentando. Elas também chegaram ao conhecimento da população de uma forma inaceitável e, pior do que isso, chegaram ao

conhecimento do inimigo — nossos inimigos gostaram e tiraram muito proveito disso”. Desde o início da guerra o premiê e Gallant discordaram em vários pontos, entre eles a convocação de ultraortodoxos para servirem nas Forças Armadas.

2.5 - Acordo de cessar-fogo e tensões internas no governo Netanyahu

No dia 17 de janeiro 2025, A Gazeta do Povo publicou uma matéria com o título “Governo de Israel aprova oficialmente cessar-fogo com o Hamas, que entrará em vigor neste domingo”, em que fala sobre os novos termos do acordo com o grupo terrorista Hamas, com a liberação gradual dos reféns israelenses em troca de prisioneiros palestinos, mediado pelo Catar, Egito e EUA. Nesta primeira fase do acordo seriam liberados 33 reféns, ao longo de 42 dias. Inicialmente serão três israelenses em troca de 95 prisioneiros palestinos, a maioria mulheres e adolescentes.

O cessar-fogo inclui a suspensão temporária de operações militares na Faixa de Gaza, que permite o deslocamento de moradores do sul para o norte da região. Soldados israelenses vão continuar monitorando áreas estratégicas, como o Corredor Filadélfia. Os Estados Unidos deram garantia ao governo de Israel que poderiam retomar as operações em Gaza, caso o Hamas descumpra o acordo. Milhares de israelenses pediram que o primeiro-ministro avance com as negociações da segunda fase e não retome a guerra antes que todos os reféns estejam em casa.

Com título evidenciando mais os fatos, a Revista Fórum, no dia 18 de janeiro, divulgou uma matéria intitulada “Israel aprova oficialmente cessar-fogo após 467 dias e 46 mil palestinos mortos”. O texto fala que os dois lados tinham acertado os últimos pontos da trégua, depois que Netanyahu ameaçou voltar atrás. Membros com uma posição mais intransigente do governo pressionaram o primeiro-ministro contra o cessar-fogo. Um exemplo foi o “extremista de direita e ministro da Segurança Interna sionista”, Itamar Ben Gvir. Ele afirmou que seu partido, Otzma Yehudit, vai sair da coalizão caso a pausa seja implementada. Segundo o veículo, Ben Gvir defendeu, durante o curso do genocídio, o “aniquilamento total dos palestinos e a implementação de colonos israelenses em Gaza”. Para ele, o acordo é imprudente, levará a libertação de centenas de terroristas assassinos, apagará efetivamente as conquistas da guerra e selará o destino dos reféns. Sem o político, seu partido e o Sionismo Religioso o governo de Bibi cai.

A matéria segue dizendo que os partidos de extrema direita não devem sair do governo, mas o discurso vem com o objetivo de pressionar mais movimentos coloniais na Cisjordânia. A Revista Fórum afirma: “Os sionistas cometeram o primeiro genocídio televisionado da história. Acreditavam que poderiam calar vozes dissonantes ao redor do mundo. Acreditavam que Israel seguiria sendo ‘a única democracia do Oriente Médio’. Nunca foi e nunca será. Uma pesquisa Gallup, de março de 2024, mostrou que 55% dos estadunidenses, o país mais pró-Israel do mundo, condenavam o genocídio israelense em Gaza.”

No dia 19 de janeiro, a Fórum divulgou uma matéria intitulada “VÍDEO: Primeiros reféns são liberados pelo Hamas após acordo de cessar-fogo”. O texto fala sobre a entrega de três reféns israelenses à Cruz Vermelha, pelo movimento de resistência palestina Hamas. Romi Gonen, 24 anos, Emily Damari, 28 anos e Doron Steinbrecher, 31 anos, passaram mais de um ano em cativeiro. A libertação ocorreu na Praça Saraya, no centro da Cidade de Gaza, sob supervisão de membros das Brigadas Al-Qassam, braço armado do Hamas. Havia um grande número de veículos e combatentes do Hamas presentes.

Em matéria publicada no mesmo dia, “Hamas liberta primeiras reféns de Israel após acordo de cessar-fogo; veja o vídeo”, a Gazeta do Povo apresenta algumas informações diferentes da Fórum. O veículo afirma que as mulheres foram entregues à Cruz Vermelha, e direcionadas a um hospital que fica perto da fronteira com a Faixa de Gaza, de helicóptero. Segundo o *The Jerusalem Post*, um relatório entregue pelo Hamas ao governo de Israel afirmava que as reféns “estavam em boas condições de saúde”.

Netanyahu expressou alegria pela libertação das israelenses e afirmou: "Quero informar que nossos reféns foram transferidos para nossas forças e estão cruzando a fronteira para Israel. Estou muito animado. Digam aos reféns: Uma nação inteira te abraça, bem-vindas ao lar. Sabemos que elas passaram pelo inferno. Elas estão deixando a escuridão para reentrar na luz. Este é um grande momento, um grande dia". Abu Ubaida, porta-voz das Brigadas al-Qassam, alertou a Israel que "qualquer possível violação israelense pode colocar as vidas dos reféns que ainda estão presos em risco".

Em relação ao primeiro discurso dado por Bibi após o cessar-fogo, a Revista Fórum publicou, no dia 18 de janeiro, texto com o título “Netanyahu confirma que pode retomar ataques a Gaza; extremista abandona governo”. A matéria diz que o “primeiro-ministro sionista” afirmou que pode voltar a bombardear e realizar invasão em Gaza. Apesar disso, as condições políticas internas do governo não são as mais favoráveis para o fim do genocídio. Netanyahu não se mostrou contrário à continuidade da limpeza étnica dos palestinos e reforçou a necessidade de alcançar “todos os seus objetivos de guerra”.

Alguns meses depois, no dia 17 de março, a Gazeta do Povo publicou matéria com o título “Israel retoma ataques em Gaza após Hamas recusar acordo para estender cessar-fogo”. Após aproximadamente dois meses, as Forças de Defesa de Israel retomaram a ofensiva contra o grupo terrorista Hamas. “Sob a direção do escalão político, as FDI e o Shin Bet [agência de segurança interna de Israel] estão atacando extensivamente alvos terroristas do Hamas por toda a Faixa de Gaza”. Desde o início do cessar-fogo, Israel recebeu 25 reféns

vivos e restos mortais de outros oito. Em troca, foram libertados cerca de 1,8 mil prisioneiros palestinos. Dos 251 reféns sequestrados, 59 ainda estariam retidos em Gaza e em teoria 24 vivos. O gabinete do primeiro-ministro afirmou que o Hamas rejeitou todas as ofertas recebidas para estender a trégua e libertar os reféns restantes. O Hamas insiste na retirada total da FDI de Gaza, mas Netanyahu alega que a guerra só terminará com uma “vitória total” sobre o grupo terrorista.

3. Conclusão:

A análise comparativa entre os veículos jornalísticos Gazeta do Povo e Revista Fórum revela como as escolhas editoriais influenciam na forma como a sociedade brasileira entende o conflito Israel x Hamas. É importante ter um olhar para o que falta na cobertura, o que os jornais decidem ocultar ou evidenciar, e de que forma isso é feito, pois não acontece por acaso. Dependendo da linha política e dos canais noticiosos que o cidadão se informa, pode haver uma lacuna significativa na compreensão, em que falta o outro lado da história, direcionando o olhar do leitor sobre quem identifica como vítima ou agressor e em que lado deposita a solidariedade. Observa-se o silêncio do contraponto, quais notícias não convém trazer a discussão.

A Gazeta do Povo adota uma abordagem mais alinhada ao governo israelense, utiliza termos como “grupo terrorista Hamas”, destaca avanços militares e justifica estratégias de Netanyahu. Já a Revista Fórum apresenta uma postura mais crítica ao governo israelense, com ênfase no sofrimento palestino, através de denúncias com o que classificam por genocídio e acusam o primeiro-ministro de usar a guerra como estratégia de sobrevivência política. Mais do que apenas informar, esses veículos tomam partido, de forma explícita ou implícita, e deixam claro de que por mais que haja uma tentativa, o jornalismo nunca é neutro.

Os episódios analisados — do cessar-fogo à retomada dos ataques, das pressões internas do governo às manifestações — demonstram o papel ativo da mídia na formação de opinião pública, o que influencia no agendamento e enquadramento das notícias. As narrativas são construídas em torno de diferentes compreensões sobre o conflito, causas e desdobramentos.

Apesar da grande influência e um leque de diferentes informações expostas ao público, falta mostrar mais como o povo israelense é diverso entre si e que eles não são o governo. A maioria da população é contra as decisões de Netanyahu e não apoia a guerra. A cobertura retrata como se uma nação toda fosse extensão do governo, quando na realidade não é.

O estudo reforça a urgência de uma leitura e análise crítica dos meios de comunicação, especialmente em tempos de guerra, em que as disputas de narrativas são tão relevantes quanto os combates. Investigações futuras podem explorar como outros veículos de imprensa nacionais ou internacionais constroem a cobertura aprofundando o debate jornalístico. Nessa pesquisa a análise ficou limitada a duas mídias.

É preciso ler com atenção, questionar fontes e buscar diferentes pontos de vista. Assim é possível se aproximar de uma compreensão mais justa sobre qualquer conflito. “Se a guerra

é uma má notícia que gera uma boa história, o desastre humanitário em meio à guerra é a pior das notícias — e talvez a melhor das histórias” (Menahem e Shifman, 2009).

4. Referências bibliográficas:

BALDIN, Vitória Paschoal; RAMOS, Daniela Osvald. **Como a cobertura jornalística reconfigura a narrativa e os desdobramentos do conflito entre Palestina e Israel.** *Jornal da USP*, 8 fev. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/como-a-cobertura->

[jornalistica-reconfigura-a-narrativa-e-os-desdobramentos-do-conflito-entre-palestina-e-israel/](#). Acesso em: 29 abr. 2025.

BATISTA, Heloisa Fernanda Francisco; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. **Análise de conteúdo: pressupostos teóricos e práticos.** *Revista Comunicação & Inovação*, v. 22, n. 42, p. 127–142, dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/ComunicaolNovacao/article/view/127>. Acesso em: 29 abr. 2025.

BLONDHEIM, Menahem; SHIFMAN, Limor. **O que dizem os oficiais, o que mostra a mídia e o que o público recebe: Gaza, janeiro de 2009.** *Departamento de Comunicação e Jornalismo, Universidade Hebraica de Jerusalém*, 2009.

GALITO, Maria Sousa; FERNANDES, Vítor Ramon; SIMÕES, João Carlos Marques; VIEIRA, Susana. **Eleições legislativas em Israel 1 (1 de novembro de 2022).** ResearchGate, fev. 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368810507_Eleicoes_legislativas_em_Israel_1_1_de_novembro_de_2022. Acesso em: 24 maio 2025.

JEWISH VIRTUAL LIBRARY. **História e visão geral do Partido Likud.** Disponível em: https://www.jewishvirtuallibrary-org.translate.goog/history-and-overview-of-the-likud-party?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc. Acesso em: 24 maio 2025.

KNELL, Yolande. **Netanyahu: um líder astuto que transformou Israel.** *BBC News Brasil*, 13 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57463872>. Acesso em: 2 jun. 2025.

KNESSET. **Basic Law: The Government.** [S.l.]: Knesset, [s.d.]. Disponível em: <https://knesset.gov.il/constitution/ConstMGovt.htm>. Acesso em: 2 jun. 2025.

PEREIRA, Lucélia Gomes. **Representações do Oriente Médio na imprensa: uma análise da editoria internacional nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo.** 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22627>. Acesso em: 29 abr. 2025.

SANTOS, Sofia; VIEIRA, Susana; SIMÕES, João. **Eleições legislativas de Israel (23 de Março de 2021).** *Polis: Revista de Estudos Jurídico-Políticos*, Lisboa, v. 2, n. 3, série 2, p. 185–187, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11067/5968>. Acesso em: 2 jun. 2025.

WIKIPÉDIA. **Knesset.** Wikipédia, a enciclopédia livre, [s. l.], 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Knesset>. Acesso em: 2 jun. 2025.

WIKIPÉDIA. **Governo de coalizão.** Wikipédia, a enciclopédia livre, [s. l.], 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Governo_de_coaliz%C3%A3o. Acesso em: 2 jun. 2025.

WIKIPÉDIA. **Forças de Defesa de Israel.** Wikipédia, a enciclopédia livre, [s. l.], 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_de_Defesa_de_Israel. Acesso em: 2 jun. 2025.

Fontes jornalísticas (matérias de sites e veículos):

AGÊNCIA EFE. **Netanyahu diz que convocar eleições em Israel agora significaria perder a guerra.** Gazeta do Povo, 29 fev. 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/netanyahu-diz-que-convocar-eleicoes-em-israel-agora-significaria-perder-a-guerra/>. Acesso em: 15 maio 2025.

BITTENCOURT, Julinho. **Israel aprova oficialmente cessar-fogo após 467 dias e 46 mil palestinos mortos.** Revista Fórum, 18 jan. 2025. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2025/1/18/israel-aprova-oficialmente-cessar-fogo-apos-467-dias-46-mil-palestinos-mortos-172637.html>. Acesso em: 29 maio 2025.

BITTENCOURT, Julinho. **Cessar-fogo entra em vigor na Faixa de Gaza com três horas de atraso.** Revista Fórum, 19 jan. 2025. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2025/1/19/cessar-fogo-entra-em-vigor-na-faixa-de-gaza-com-trs-horas-de-atraso-172661.html>. Acesso em: 29 maio 2025.

BITTENCOURT, Julinho. **Netanyahu confirma que pode retomar ataques a Gaza; extremista abandona governo.** Revista Fórum, 18 jan. 2025. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2025/1/18/netanyahu-confirma-que-pode-retomar-ataques-gaza-extremista-abandona-governo-172655.html>. Acesso em: 2 jun. 2025.

FERREIRA, Yuri. **VÍDEO: Primeiros reféns são liberados pelo Hamas após acordo de cessar-fogo.** Revista Fórum, 19 jan. 2025. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2025/1/19/video-primeiros-refens-so-liberados-pelo-hamas-apos-acordo-de-cessar-fogo-172677.html>. Acesso em: 31 maio 2025.

FILHO, Paulo. **Um ano de guerra no Oriente Médio: o impacto global da escalada.** Gazeta do Povo, 7 out. 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/paulo-filho/um-ano-de-guerra-no-orient-medio-o-impacto-global-da-escalada/>. Acesso em: 28 maio 2025.

GALÃO, Fábio. **Hamas diz que massacre de 7 de outubro foi “a operação mais profissional da história”.** Gazeta do Povo, 7 out. 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/hamas-pronunciamento-um-ano-7-de-outubro/>. Acesso em: 28 maio 2025.

GALÃO, Fábio. **Netanyahu cita “quebra de confiança” e demite ministro da Defesa.** Gazeta do Povo, 05 nov. 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/netanyahu-cita-quebra-confianca-demite-ministro-defesa/?ref=busca>. Acesso em: 29 maio 2025.

GALÃO, Fábio. **Israel retoma ataques em Gaza após Hamas recusar acordo para estender cessar-fogo.** Gazeta do Povo, 17 mar. 2025. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/israel-retoma-ataques-gaza-hamas-recusar-acordo-cessar-fogo/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

GAZETA DO POVO. **Grupo terrorista Hamas decide suspender negociações de reféns com Israel.** *Gazeta do Povo*, 2025. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/grupo-terrorista-hamas-decide-suspender-negociacoes-de-refens-com-israel/?ref=link-interno-materia>. Acesso em: 29 abr. 2025.

GAZETA DO POVO. **Netanyahu recebe mandato oficialmente e terá 28 dias para formar governo.** *Gazeta do Povo*, 13 nov. 2022. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/breves/netanyahu-recebe-mandato-oficialmente-e-tera-28-dias-para-formar-governo/>. Acesso em: 1 maio 2025.

GAZETA DO POVO. **Em novo discurso, Netanyahu garante que usará toda força contra o Hamas.** *Gazeta do Povo*, [s.d.]. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/em-novo-discurso-netanyahu-garante-que-usara-toda-forca-contr-o-hamas/>. Acesso em: 2 maio 2025.

GAZETA DO POVO. **Netanyahu nega cessar-fogo em Gaza: “Os EUA não concordariam após Pearl Harbor”.** *Gazeta do Povo*, [s.d.]. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/netanyahu-nega-cessar-fogo-em-gaza-os-eua-nao-concordariam-apos-pearl-harbor/>. Acesso em: 2 maio 2025.

KRAMER, Vandr . **Manifestações contra governo Netanyahu crescem em Israel.**

Gazeta do Povo, 31 mar. 2024. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/manifestacoes-contr-governo-netanyahu-crescem-em-israel/>. Acesso em: 15 maio 2025.

LADEIRA, Francisco Fernandes. **Um ano do 7 de outubro: entre acontecimento histórico e evento midiático.** *Revista Fórum*, 7 out. 2024. Disponível em:

<https://revistaforum.com.br/opinia /2024/10/7/um-ano-do-7-de-outubro-entre-acontecimento-historico-evento-midiatico-166997.html>. Acesso em: 28 maio 2025.

LUCAS, John. **Israel aprova acordo de t rgua com o Hamas para libertar reféns em Gaza.** *Gazeta do Povo*, 21 nov. 2023. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/israel-aprova-acordo-de-tregua-com-o-hamas-para-libertar-refens-em-gaza/>. Acesso em: 12 maio 2025.

LUCAS, John. **Governo de Israel aprova oficialmente cessar-fogo com o Hamas, que entrará em vigor neste domingo.** *Gazeta do Povo*, 17 jan. 2025. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/governo-de-israel-aprova-oficialmente-cessar-fogo-com-o-hamas-que-entrara-em-vigor-neste-domingo/>. Acesso em: 30 maio 2025.

NUNES, Liana. **Entra em vigor o cessar-fogo entre Israel e Hamas na Faixa de Gaza.**

Gazeta do Povo, 19 jan. 2025. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/entra-vigor-cessar-fogo-israel-hamas-faixa-gaza/?ref=busca>. Acesso em: 30 maio 2025.

NUNES, Liana. **Hamas liberta três primeiras reféns de Israel.** *Gazeta do Povo*, 19 jan.

2025. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/hamas-liberta-tres-primeiras-refens-israel-acordo-cessar-fogo/?ref=busca>. Acesso em: 31 maio 2025.

REVISTA FÓRUM. **Desumanização dos reféns palestinos.** *Revista Fórum*, 20 jan. 2025. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opinioao/2025/1/20/desumanizacao-dos-refens-palestinos-172739.html>. Acesso em: 29 abr. 2025.

REVISTA FÓRUM. **Israel dissolve parlamento e convoca novas eleições; Netanyahu é favorito.** *Revista Fórum*, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2022/6/30/israel-dissolve-parlamento-convoca-novas-eleies-netanyahu-favorito-119472.html>. Acesso em: 29 abr. 2025.

REVISTA FÓRUM. **Vídeo: Hamas declara guerra a Israel com forte ataque a partir de Gaza; Netanyahu responde.** *Revista Fórum*, 7 out. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2023/10/7/video-hamas-declara-guerra-israel-com-forte-ataque-partir-de-gaza-netanyahu-responde-145437.html>. Acesso em: 2 maio 2025.

REVISTA FÓRUM. **Vídeo mostra entrada de ajuda humanitária em Gaza; Israel nega cessar-fogo.** *Revista Fórum*, 16 out. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2023/10/16/video-mostra-entrada-de-ajuda-humanitaria-gaza-israel-nega-cessar-fogo-145895.html>. Acesso em: 2 maio 2025.

REVISTA FÓRUM. **Israel: Netanyahu enterra qualquer esperança de um cessar-fogo.** *Revista Fórum*, 30 out. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2023/10/30/israel-netanyahu-enterra-qualquer-esperana-de-um-cessar-fogo-146865.html>. Acesso em: 2 maio 2025.

REVISTA FÓRUM. **VÍDEO: Na TV, Netanyahu confessa os reais motivos de Israel em Gaza.** *Revista Fórum*, 26 out. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2023/10/26/video-na-tv-netanyahu-confessa-os-reais-motivos-de-israel-em-gaza-146589.html>. Acesso em: 12 maio 2025.

REVISTA FÓRUM. **Acordo Hamas-Israel: entenda cada ponto da trégua acordada em Gaza.** *Revista Fórum*, 22 nov. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2023/11/22/acordo-hamas-israel-entenda-cada-ponto-da-tregua-acordada-em-gaza-148149.html>. Acesso em: 12 maio 2025.

FÓRUM. **Só a guerra mantém Netanyahu no poder; por isso ele não permite a paz.** *Revista Fórum*, 22 jan. 2024. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2024/1/22/so-guerra-mantem-netanyahu-no-poder-por-isso-ele-no-permite-paz-152652.html>. Acesso em: 15 maio 2025.

FÓRUM. **Netanyahu anuncia que vai atacar Rafah; protestos em Tel Aviv pedem renúncia dele.** *Revista Fórum*, 17 fev. 2024. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2024/2/17/netanyahu-anuncia-que-vai-atacar-rafah-protestos-em-tel-aviv-pedem-renuncia-dele-154133.html>. Acesso em: 15 maio 2025.